



## A busca de um novo Junzi para a China contemporânea

### The search for a new Junzi for contemporary China

André Bueno<sup>1</sup>  
andre.bueno@uerj.br

**Resumo:** O movimento de retomada dos discursos tradicionais na China contemporânea tem feito surgir propostas sobre como conciliar os dilemas do atual mundo globalizado com valores da antiga cultura chinesa. Nesse sentido, a busca de um novo modelo de Junzi parece cumprir a difícil tarefa de substituir o perfil de cidadão ideal herdado das teorias marxistas chinesas do século 20. Contudo, como realizar essa transformação? E será viável retomar um antigo conceito confucionista para resolver problemas hodiernos? È o que discutiremos em nosso presente texto.

**Palavras-Chave:** Confucionismo; Junzi; China Contemporânea; Sinologia; Tradições.

**Abstract:** The movement to revive traditional discourses in contemporary China has given rise to proposals on how to reconcile the dilemmas of today's globalized world with the values of ancient Chinese culture. In this sense, the search for a new Junzi model seems to fulfill the difficult task of replacing the ideal citizen profile inherited from 20th-century Chinese Marxist theories. However, how can this transformation be accomplished? And is it feasible to revive an ancient Confucian concept to solve today's problems? This is what we will discuss in this text.

**Keywords:** Confucianism; Junzi; Contemporary China; Sinology; Traditions.

---

1 Professor Associado de História Oriental da UERJ, Doutor em Filosofia e Sinólogo.

Jūnzǐ 君子 é um termo muito específico da escola acadêmica [Rújiā 儒家] que já foi definido de várias formas diferentes ao longo da história. Na análise do projeto filosófico de Confúcio, é difícil classificá-lo de forma direta ou completa. A palavra tem origem na figura do ‘cavalheiro’ da época da dinastia Zhou, mas para Confúcio, seu significado implicava uma espécie de cidadão ideal, uma pessoa conhecedora da cultura e qualificada dentro de determinados critérios éticos e morais, a ser compreendida como uma pessoa superior ou aperfeiçoada. O Junzi não era o grau mais alto de conhecimento e perfeição moral que se podia atingir no projeto de Confúcio. Afinal, sabemos que Confúcio falava também dos sábios [Shèng 聖], essas sim, pessoas que haviam atingido algum tipo de iluminação e que se distinguiam dos seres humanos comuns pelo seu conhecimento e por sua presença. Mas o Junzi era o nível ideal de cidadão que contribuiria decisivamente para a preservação e conservação da sociedade, e que poderia ainda desenvolvê-la através de uma ação ética e consciente, no sentido de proporcionar Bem Estar social a todos os seus integrantes. Wang e Zheng [2012], em um longo artigo, identificam um conjunto de treze qualidades fundamentais que caracterizam o Junzi, e que estariam presentes no Lúnyǔ 論語, tentando circunscrever a formação de um conceito geral acerca do termo. Via de regra, eles se aproximam dos valores tradicionalmente associados como virtudes entre os acadêmicos, como as cinco virtudes cardinais [Wǔcháng 五常] e as subsequentes concepções atualizadas de retidão, justiça, altruísmo, humanismo, entre outros. Contudo, cumpre salientar que se esses apontamentos são frutos de uma análise esmiuçada do Lúnyǔ, por outro lado, eles preconizam uma projeção hodierna sobre a leitura do passado.

Fazemos essa consideração porque, na época de Confúcio, o projeto do Junzi foi trabalhado de forma esporádica e não sistemática pelos seus continuadores. Yang [2012] nos mostra, por exemplo, como no debate entre as teorias otimistas e pessimistas de Mengzi [Mêncio] e Xunzi, a definição do Junzi segue de forma vaga, circundando o problema da natureza humana [Xìng 性]; Tu [2021] identifica na discussão sobre o Zhōngyōng 中庸 a busca de uma definição de sentido para a conduta do Junzi, envolvendo seu comprometimento moral, social e político, mas baseado em uma atitude de justa medida sapiencial. Segundo ainda este autor, houve inclusive a formação de uma cultura ou um debate sobre a construção formal da ideia de Junzi, mas que seria eclipsada pelas transformações filosóficas que acompanhariam as mudanças da China depois da aurora das dinastias Qín 秦朝 e Hàn 漢朝. O sinólogo francês François Jullien [1998], em sua tradução do Zhōngyōng, enfatizou que um dos elementos centrais da busca do Junzi era uma ‘autenticidade realizante’ [Chéng 誠].

A ascensão de um poder imperial centralizado, no século 3 AEC, modificou ainda mais o direcionamento dado a essa discussão. Gradualmente a figura do Junzi se converteu numa perspectiva da pessoa letrada que, de uma forma de outra,

se formava professor para servir na nascente burocracia pública. Eventualmente, ele servia de referência em termos de conhecimento e moralidade, mas o termo perderia o sentido direto de realização pessoal e autoaperfeiçoamento. Isso implica em dizer que durante muito tempo, a escola acadêmica não definiu exatamente o que era figura de um cidadão ideal, embora essa classificação pudesse ser usada ou invocada eventualmente na construção de discursos educacionais e sociais. Ao longo do tempo, como nos mostra Dai [2016], o debate sobre o uso da ideia de Junzi foi modulado por circunstâncias históricas diversas, que incidiam diretamente sobre as transformações teóricas da escola acadêmica: e por fim, o conceito encontraria uma aplicabilidade complexa na atualidade.

### **A personalidade ideal de Fang Dongmei**

Este apontamento nos parece importante para constatar que, no século 21, a discussão foi retomada dentro da sociedade contemporânea chinesa, na busca de definir uma nova personalidade ideal no âmbito do novo academicismo [Xīn Rújiā 新儒家]. Foi a partir do trabalho referencial de Fang Dongmei [1899-1977] que surgiram discussões mais complexas sobre como seria o cidadão modelar do futuro chinês, tentando construir uma personalidade idealizada que atendesse tanto a ideia de autoaperfeiçoamento quanto aos propósitos de um novo discurso cultural e de salvação espiritual da sociedade chinesa, conciliando Confúcio, o academicismo e as interpretações políticas chinesas contemporâneas. Fang iria definir a busca da constituição de uma nova forma de personalidade ideal [também chamada ‘pessoa sincera’ Lǐxiǎng réngé 理想人格] como um novo tipo de Junzi - aquele que cumpre uma nova função social de forma proativa, tendo seu caráter moldado pela educação e por valores éticos modernos [Fang, 2014]. Obviamente, essa busca atende aos projetos políticos da instalação de uma nova ordem, não mais baseada apenas nos discursos do marxismo chinês, mas principalmente ao projeto de um novo tipo de ordem estabelecida. Isso vinha de encontro a trajetória intelectual de Fang; nascido na China continental, mas radicado em Taiwan até o final de sua vida, esse autor pensava o futuro chinês em termos complexos, a partir de futuras transições políticas que estavam em pleno redesenho. Nesse sentido, o movimento Xin Rujia deveria ser capaz de projetar uma nova ideia de sociedade pós-socialista.

A partir do século 21, as ideias de Fang encontraram uma recepção diferente na China continental, e passaram a servir de referência para discussões sociais, políticas e morais. A ideia da transmissão da cultura e da preservação de um sentido de sinitude, que se transforma na resignificação da identidade chinesa nacional perante o contexto global contemporâneo, implica que essa personalidade sincera adquire contornos específicos de um cidadão com uma função social e cultural, mas que também preserva a sua autonomia e seu poder de decisão diante dos dilemas e enfrentamentos da vida cotidiana. Para isso, essa personalidade ideal deve se estruturar a partir do estudo dos clássicos e de uma sólida base de conhecimento

na história, da genealogia da ritualidade e dos costumes, o domínio da escrita e na conscientização política sobre a atual sociedade chinesa e, a partir disso, proporcionar a si mesmo a construção de uma autorreflexão, que redefina sua posição social e sua perspectiva de mundo. Essa revisão de sua obra provocou importantes movimentos na intelectualidade chinesa.

Yu Dan [2007], por exemplo, fez uma influente explanação sobre o conceito do Junzi na atualidade – que alcançou um público amplo, embora constituísse um material de divulgação. Em sua obra sobre Confúcio, ela apresenta um capítulo inteiramente dedicado a explicar o receituário básico para ser um Junzi [君子之道] propondo uma das primeiras recensões bem sucedidas sobre o tema no continente. O tema continuaria a ser pontualmente debatido até o relançamento das obras completas de Fang Dongmei no continente, em 2014 [中国哲学精神及其发展, 2014]. Críticas importantes foram feitas sobre a obra, pontuando notadamente o problema da personalidade ideal. Li e Guo [2017], em um longo artigo em que debatem as ideias de Fang Dongmei, afirmam que o projeto da personalidade ideal seria atravessado por uma percepção holística de humanidade articulada entre mundo material, mundo da vida e mundo espiritual, que se reproduziriam em escala microcósmica como corpo, mente e alma, e redimensionadas na natureza pela existência da terra, do ser humano e do céu. Essa sequência de articulações transporta o problema da personalidade individual para o plano psicológico, fundada na educação crítica e na consciência ecossistêmica. Essa consideração é importante para compreender as dimensões nas quais operam o conceito de personalidade sincera de Dong. Ela deve expressar uma articulação complexa entre o íntimo individual e a necessidade de convivência social, ao mesmo tempo atuando na cosmovisão do empreendimento de preservação e elevação da cultura chinesa. Os movimentos ascendentes e descendentes da humanidade ideal dizem respeito às dimensões da vida prática e mental contempladas pela ação ‘sincera’ do indivíduo.

Assim, essa personalidade sincera deve ser capaz de exprimir seus sentimentos e ideias, ainda que de forma contida, mas ter coragem e caráter para enfrentar a denunciar os erros, assim como no idealismo confucionista, que acompanhou por milênios os letrados que aconselhavam seus imperadores e a partir dessa ação política consciente. A nova personalidade ideal pode, então, se afirmar como um elemento ativo no desenvolvimento da sociedade e na sua continuidade [Fang, 2014].

Essa questão é bastante interessante porque ela coloca em perspectiva: o que é a formação do indivíduo no mundo globalizado, e como ela se relaciona com as críticas chinesas? Trabalhos como de Munro [1969 e 1977] tentavam explicar a resignificação do conceito de humanidade desde a China antiga até os influxos atuais do Marxismo. Usualmente, as críticas chinesas mostram uma profunda aversão ou uma consciência crítica bem estabelecida ao protagonismo ocidental na busca dessas definições [Li e Guo, 2017]. Em relação à definição do que é o ser humano pós-

moderno vindo do ocidente, observamos que a formação das identidades nacionais no século 21 são atravessados por diversos movimentos, sejam eles de esquerda, Neoconservadores invocadores do passado ou ainda de uma identidade líquida, como foi colocado por Zigmunt Bauman [2018].

Todas essas teorias, no entanto, não conseguem compreender a formação em camadas históricas da construção de um ideal chinês de personalidade ou de cidadão que atravessou a estrutura política de Império durante os séculos, e que agora se encontra diante de um novo modelo de República que atravessa um longo e indefinido período de transição do marxismo para, quem sabe, um novo confucionismo republicano [Bueno, 2012]. Assim, a personalidade ideal projetada por Fang Dongmei não se transforma apenas na busca de um cidadão adequado para as transformações e desafios do mundo moderno, mas também num suporte para a transição política na formação de um novo tipo de sistema republicano chinês, que envolva a ideologia academicista como um norte da estrutura política e intelectual dessa nova comunidade.

Visto assim, a busca da personalidade significa um processo de autonomia que garanta a capacidade decisória do indivíduo chinês; mas é crucial lembrar, e como o próprio Fang nos informa, essa mesma autonomia não deve ser confundida com uma individualidade exacerbada e com o egoísmo, já que o projeto confucionista defende que o papel do indivíduo é estudar e formar-se não apenas para se firmar na sociedade, mas também para contribuir com sentido de comunidade. Ou seja, o projeto da personalidade sincera garante que o indivíduo se expresse por si próprio, mas ele não deve ser individualista ou pensar de forma destacada e desconectada de uma organização maior da sua mesma comunidade/sociedade. Segundo Fang, isso seria um elemento histórico categórico no pensamento chinês: apesar de muitas vezes existirem movimentos em direção ao individualismo na própria filosofia chinesa, a mentalidade confucionista prega consistentemente que a noção de grupo é fundamental para coesão e sobrevivência da sociedade, evitando assim as rupturas e a degradação da própria cultura da civilização chinesa [Zhang, 2014:187]. A personalidade ideal, portanto, surge com uma alternativa [ou encarna?] o antigo Junzi de Confúcio, significando para o mundo de hoje a construção de um novo tipo indivíduo que tem responsabilidade social e política, indivíduo esse preparado e que deve ser capaz de opinar, deve ser capaz de participar de ações políticas conscientes em defesa do estado e da comunidade, e também deve possuir uma ação individual que garanta o respeito aos mais velhos e as crianças, que garanta o sustento da educação e dos projetos de fomento social e de Previdência em curso na China [Bueno, 2017], que seja capaz ainda de fazer desenvolver a sociedade integrando a um cosmo maior e promovendo sua própria cultura ao redor do mundo. As novas concepções de cidadão ideal estão entranhadas em projetos político-educacionais atuais [como notado por Li, 2024].



### O novo Junzi de Qian Niansun

O debate sobre a resignificação da figura do Junzi ganharia novos contornos a partir do seminal trabalho de Qian Niansun, que empreenderia uma importantíssima transformação no projeto do cidadão ideal no âmbito da China continental. Em 2014, Qian publicou um importante artigo sobre o resgate da cultura Junzi, como parte fundamental da retomada da valorização da cultura chinesa. O texto surgiu no contexto da movimentação sobre a obra de Fang Dongmei, mas não podemos afirmar categoricamente que ele veio como resposta ou por inspiração do mesmo. De fato, nos parece que o debate sobre o Junzi vem à tona de maneira multilocalizada, mas Qian elabora uma adaptação original ao que ele classifica como ‘Cultura do Junzi’, necessária ao seu desenvolvimento no ambiente da sociedade socialista. O artigo foi muito bem recebido, e deu origem a uma série de encontros universitários chamados de Fóruns da Cultura Junzi [届君子文化论坛], que alcançaram um retorno significativo por parte da comunidade acadêmica e intelectual. Uma série de volumes foi organizada a partir desses encontros, destacando-se o livro de Qian [君子格言选释, 2016], no qual ele empreende uma análise mais extensa e esmiuçada sobre sua concepção de Junzi; por fim, em 2022, Qian lançou o que tem sido considerada a obra mais importante no debate recente sobre o tema [君子文化：中华文脉的精神内核, 2022]. E o que Qian propõe?

Suas ideias centrais giram em torno da teoria de que a cultura Junzi seria o ‘gene cultural’ da civilização chinesa, representado sua identidade moral, social e espiritual, e na qual se poderia encontrar os fundamentos dos valores morais e virtudes apregoados pelo socialismo chinês. Ou seja, desde Confúcio o Junzi seria alguém que além de praticar o autocultivo, o estudo e desenvolver a capacidade crítica, é alguém igualmente solidário, altruísta e disposto a sacrifícios pela comunidade. Adepto da cultura do trabalho, o antigo/novo Junzi é alguém dedicado à prosperidade comum, e torna-se suporte para alavancar o poder da nação e a retomada do orgulho nacional expresso pela cultura tradicional. Como se pode notar, o trabalho de Qian desliza para uma capital associação com os movimentos nacionalistas chineses atuais, que pretendem para o país um novo papel nas relações internacionais. Em seu artigo de 2014 [e reproduzido no volume de 2022], Qian deixa bem clara a sua intenção:

O Secretário-Geral Xi Jinping destacou na 13ª sessão de estudo coletivo do Bureau Político do Comitê Central do PCC que cultivar e promover os valores socialistas essenciais deve ser baseado na excelente cultura tradicional chinesa. Valores fundamentais fortes têm suas raízes inerentes. A cultura chinesa tem uma longa história e acumulou as mais profundas buscas espirituais da nação chinesa. Ela representa a identidade espiritual única da nação chinesa e tem fornecido um rico alimento para que a nação chinesa sobreviva, se desenvolva e cresça. [...] A cultura tradicional chinesa é profunda e extensa. Quais partes acumularam as buscas espirituais mais profundas da nação chinesa, representam a identidade espiritual

única da nação chinesa e podem ser consideradas os genes culturais mais básicos da nação chinesa? Na minha opinião pessoal, entre a vasta cultura tradicional chinesa, aquela que melhor representa as profundas buscas espirituais e a identidade espiritual única da nação chinesa, além de incorporar os genes culturais mais básicos da nação chinesa, é ninguém menos que a “cultura do Junzi”. “Junzi” é uma categoria importante da excelente cultura tradicional da China. É um paradigma de personalidade moldado e respeitado pela excelente cultura tradicional da China há milhares de anos. É a imagem de personalidade ideal e realista, nobre e gentil, nobre e comum da nação chinesa. [...] Como a personalidade ideal que Confúcio cuidadosamente delineou e moldou, que é atingível, aprendível e realizável, a imagem de um cavaleiro tem sido amplamente reconhecida e respeitada por pensadores e literatos de todas as gerações e pessoas de todas as esferas da vida, incluindo pessoas comuns, nos milhares de anos de evolução da cultura chinesa. [...] Pode-se dizer que “Junzi” é a personalidade ideal do povo chinês, moldada por milhares de anos de excelente cultura tradicional chinesa. O confucionismo e até mesmo toda a cultura tradicional chinesa, entre outros conteúdos importantes, são a exposição da benevolência, retidão, propriedade, sabedoria, confiabilidade, lealdade, piedade filial, integridade, vergonha e muitas outras normas éticas de conduta no mundo. Estes são finalmente reunidos, precipitados, integrados e sublimados em uma personalidade ideal, a saber, o “Junzi”. [...] Ser um Junzi é a escolha feita pela excelente cultura tradicional da China há milhares de anos. É também a escolha que todo chinês deve e está disposto a fazer hoje. O conceito de junzi e a cultura do junzi são o ponto focal e a fonte de brilhantismo da excelente cultura tradicional da China. Eles são a força da personalidade e o apoio psicológico que iluminam o povo chinês enquanto eles avançam em meio às dificuldades. O conceito de junzi e a cultura do junzi podem ser estimulados para mostrar sua vitalidade e vigor por meio de novas interpretações, e uma bandeira cultural com profunda herança tradicional e espírito contemporâneo pode ser erguida na sociedade contemporânea. Ela não só pode permitir que a essência da cultura tradicional chinesa floresça, seja herdada e inove, mas também pode permitir que o cultivo e a promoção de valores sociais fundamentais ressoem com os genes culturais tradicionais da nação chinesa. É a árvore mais exuberante e milenar da vasta floresta da cultura tradicional chinesa, e também é a sombra espiritual da qual a construção ideológica e moral contemporânea extrai alimento da tradição. A cultura do junzi é o novo ramo da velha árvore que pode ser enxertado diretamente e dar frutos no cultivo e promoção dos valores socialistas fundamentais. Ativar e promover a cultura do junzi é útil para orientar pessoas de todas as esferas da vida em termos de ideologia e cultura, formando assim um amplo consenso sobre valores em toda a sociedade [Qian, 2014; 2022].

Este longo trecho é extremamente esclarecedor sobre o novo projeto de Junzi de Qian e suas interfaces com a questão da personalidade ideal [rapidamente citada por ele ao longo do texto]. Para este autor, o novo Junzi está indissociavelmente

ligado ao processo de valorização da cultura chinesa promovido pelo regime socialista - e Qian costuma quase sempre enfatizar sua filiação incondicional ao governo e a autoridade política e intelectual do presidente Xi Jinping.

Nesse sentido, o Junzi deixa de ganhar apenas contornos de uma figura idealizada dentro da cultura chinesa para um protótipo de sabedoria ou de adequação de um cidadão ideal e protagonista integrado ao mundo: uma pessoa contida, respeitosa, mas que ao mesmo tempo sabe lidar com as diferenças culturais; uma pessoa não só tolerante, mas integradora, capaz de preservar as raízes da cultura chinesa, mas compreender as dimensões do contato dessa mesma cultura com outras civilizações.

### **Conclusão**

Se esse novo Junzi é um projeto que dará certo ou não, isso está em pleno debate. Na China de agora, o confucionismo de autoajuda que foi pregado por muitos autores tem efetivamente contribuído para que muitas pessoas encontrem nos ensinamentos de Confúcio respostas para os desafios da vida e para os dilemas éticos que todos nós enfrentamos. Se no passado o Junzi como uma inspiração, para os modelos sociais de hoje, não é nada demais ser sábio ou ser Nobre de alma para pensar no bem da comunidade e restaurar a nação diante do contexto de crise. A resposta de Qian invoca a construção de um cidadão ideal chinês, mas também, um protagonista da cultura chinesa no mundo. Com isso, Confúcio já deixou de ser o 'sábio das classes feudais' tão combatido na época de Mao para se transformar agora no modelo de um novo cidadão, capaz de restaurar a China um lugar de dignidade entre as Nações e colocá-la novamente num posto de liderança. Como vimos, a transformação nesse novo ideal faz parte da agenda governamental, e no projeto de reformulação da sociedade preconizada pela administração atual [Wang, 2021; Bueno, 2024; Qian, 2025]. Para isso, portanto, é necessário que esse novo Junzi se expresse pelas vozes de milhões de chineses, colocando diante do planeta as suas vontades e os seus projetos de um renovado modelo de ser social. Assim, a sociedade chinesa pode estar a caminho de mais uma revolucionária transformação coletiva das mentalidades, que apontam para a construção de um novo caráter de sinitude e numa transformação da própria noção de indivíduo dentro da sociedade, colocando em debate o papel da sua formação cultural e educacional, mas também nos seus direitos de expressão como ser humano perante o mundo. Nesse sentido, a cultura tradicional será o motor de uma nova resignificação do 'ser chinês' que a cultura Junzi irá revelar.



## Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BUENO, André. Compreendendo o Novo Confucionismo: a possível transição do marxismo para o confucionismo na China Contemporânea. *Mundo Antigo*, v. 1. 2012.
- BUENO, André. O Futuro pertencerá às crianças? O fim da política do filho único na China. *Jiexi Zhongguo*, v. 1. 2017.
- BUENO, André. O Novo Confucionismo no século XXI: Diversas origens, muitos sentidos. *Modernos & Contemporâneos*, v. 8. 2024.
- DAI XUNFENG 代训锋. 《儒家“君子”理想的当代考察》 *人民论坛*, n.29, 2016.
- FANG DONGMEI 方东美. 《中国哲学精神及其发展》 北京: 中华书局, 2014.
- JULLIEN, François. *Zhong Yong – La regulation à usage ordinaire*. Paris: Imprimerie Nationale, 1998
- LI CHAO 李超. 《“内圣外王”理想人格及其对青年人格塑造的启示》. *哲学进展*, v.13 (n.10), 2024: 2585-2590.
- LI WANG 李旺 e Guo Mingyu 郭明宇. 《新儒家推崇什么样的“理想人格”》. *人民论坛*, n.37, 2017.
- MUNRO, Donald. *The Concept of Man in Contemporary China*. Michigan: Center for Chinese Studies/University of Michigan, 1977.
- MUNRO, Donald. *The Concept of Man in Early China*. Michigan: Center for Chinese Studies/University of Michigan, 1969.
- QIAN NIAN SUN 钱念孙. 《君子:孔子一生之潜思 诸子百家之共识》. *光明日报* n.4, 2014.
- QIAN NIAN SUN 钱念孙. 《君子人格的低标准和高目标》. *光明日报*, 18-01-2025.
- QIAN NIAN SUN 钱念孙. 《君子文化: 中华文脉的精神内核》. 安徽出版社, 2022.
- QIAN NIAN SUN 钱念孙. 《君子格言选释/君子文化丛书》. 黄山书社, 2016.
- TU KEGUO 涂可国. 《儒家君子的伦理性特质论析》. *烟台大学学报 (哲学社会科学版)*, n.2, 2021.
- WANG XUEDIAN 王学典. 《“两创”的实践指向: 打造东方伦理型生活方式》. *光明日报*, 27-12-2021.
- YANG YINGFA 杨英法. 《荀子“性恶论”与孟子“性善论”比较研究》 *北方论丛*, n.6, 2012.
- YU DAN 于丹. 《于丹〈论语〉心得》 北京: 中华书局, 2016.
- ZHANG DONGBAO 張東寶. 《略述方東美的哲學思想》. “一國兩制”研究, n.2, 2014: 185-192.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.